

Originalmente publicado em: Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006.

# O conto tradicional português na aula: proposta de actividades

Lino Moreira\*

## RESUMO

Atendendo à importância e ao valor formativo da literatura infantil (nas suas mais diversas formas), torna-se necessário incentivar o recurso a ela e pô-la ao serviço da prática pedagógica, a fim de que seja aproveitada do melhor modo, pela escola, no desempenho de que se encontra incumbida.

Assim deverá acontecer com o conto tradicional (aqui assumido, justificadamente, como forma especial de literatura), que importa envolver no trabalho da aula, repensando-se e propondo-se para ele modos de intervenção diversificados.

Para tanto, o autor da presente comunicação vem propor a realização de uma actividade de leitura de que faz parte a selecção de um conto tradicional português (adequado à idade das crianças em início de escolaridade) e a sua abordagem especial (leitura integral do texto), avançando, para isso, com um conjunto diversificado de estratégias, de que faz parte essencial o recurso ao jogo (jogos de mesa, jogo de dramatização directa, jogo de quadros, jogo de argumentação e crítica, jogo das hipóteses, jogo das lacunas, jogos de palavras, jogo da caixa de música), e procedendo, depois, à apresentação de possibilidades de alargamento desse modo de proceder a outros contos e a novas situações educativas.

## 1. Introdução

a) É reconhecido que as histórias, as narrativas em geral, são do gosto das crianças e se integram directamente nos seus interesses. Estudos realizados (J. Piaget, 1975; J. Chateau, 1975) e constatações empíricas que referem o modo positivo como as crianças reagem às histórias que lhes são contadas, são indício claro de que assim é.

À mesma conclusão se chega ao constatar o sucesso que representa, hoje, a adaptação de histórias a outros meios de comunicação que não o livro de texto (A. Veiga-Neto, 2000; J. A. Hernández Les, 2004): cinema, animação, banda desenhada, teatro...

---

\*Instituto de Educação e Psicologia da UM

As histórias transportam consigo potencialidades essenciais para a formação das crianças: veiculam conhecimentos, facultam aprendizagens, introduzem graduação e profundidade na compreensão, promovem o desenvolvimento da imaginação, estimulam a capacidade simbólica...

Ao mesmo tempo, integram-se nas necessidades educativas da infância (C. A. Castro Alonso, 1972, pp. 187-196): respondem a exigências comunicativas, de socialização, de identidade, de desenvolvimento (psíquico, e até mesmo físico), de experientiação precoce, de modelação de uma consciência axiológica que vai servir de suporte à integração no mundo da ética e dos valores, contribuindo para a modelação da «contextura moral» que conformará a transformação da criança em ser humano adulto.

b) Assim acontece com as histórias em geral. Para além delas, e numa dimensão mais específica, intervém o conto tradicional: devido ao modo como surge e se transmite, às simbologias e mitos que representa (B. Bettelheim, 1975), àquilo que lhe acrescenta a sabedoria popular.

E ainda mais que o conto tradicional, assim acontece, entre nós, com o conto tradicional «português», que, embora tendo características e potencialidades inerentes ao conto tradicional, vai mais longe que ele: promove identidade cultural, focaliza especificamente o modo de ser português e desperta reflexão (pelo menos sob forma latente) sobre ele, proporciona a ligação do passado com o presente e deste com o futuro.

Assim, se as histórias, em geral, são importantes para a formação e a educação da criança, são-no, de um modo especial, para o contexto escolar, os contos tradicionais e, entre estes, por serem directamente adstritos à nossa realidade, os contos tradicionais portugueses.

c) Desde logo, as histórias, os contos tradicionais, os contos tradicionais portugueses, valem por si mesmos. Isto é: ao serem ouvidos (lidos), deleitam, formam, educam, estimulam «destrezas cognitivas», «desencadeiam e orientam emoções» (K. Egan, 1994, pp. 115-116), numa ligação directa narrativa/criança, podendo nem existir a intermediação de ninguém.

Todavia, se assim acontece até um determinado limite, mais tarde ou mais cedo se chega a uma fase em que essa disponibilização *natural* se torna insuficiente. Haverá necessidade de recriar e desenvolver outras formas de abordar as histórias e de aprofundar a sua ligação com o mundo da criança.

Após a entrada na escola, e para os fins formativos a que a escola destina as histórias, os automatismos diminuem ou deixam mesmo de funcionar, e é preciso ir mais além. Surge, então, a necessidade de se engendrarem e aplicarem estratégias adequadas para que, de tais histórias, se retire o maior proveito para a formação e a educação, sendo o trabalho na sala de aula a melhor oportunidade para isso.

Espaço privilegiado de interacções pedagógico-didácticas, a sala de aula melhorará as funções que lhe competem, no âmbito do ensino/aprendizagem, recorrendo a histórias infantis, em geral, e ao conto tradicional em especial, tendo este muito a ganhar se for mediado pela relação ensino/aprendizagem.

É à formulação de uma proposta com essa finalidade que vamos proceder.

Com a intenção de fundamentar a sua importância formativa, referir-nos-emos ao conto tradicional posto ao serviço do espaço de formação que é a escola, e avançaremos com sugestões de actividades de reforço da leitura, envolvendo um conto tradicional português.

## 2. A Relevância Formativa do Conto Tradicional

a) Atendendo ao valor formativo da literatura infantil (nas suas mais diversas formas), torna-se necessário incentivar o recurso a ela naquilo que, nela, mais vá ao encontro do nível etário e da fase de desenvolvimento das crianças, para melhor se concretizar a dimensão educativa da escola.

Uma variante da literatura infantil é a literatura popular aplicada à infância.

Embora, integradas nela, haja histórias populares mais expressivas que outras, e o modo de recepção que as mesmas histórias proporcionam não seja, evidentemente, o mesmo em todos os ouvintes/leitores, poderá afirmar-se, de uma maneira geral, que o contacto com a literatura tradicional é sempre proveitoso.

Para o justificarmos, refiramos, nomeadamente, que:

Na sociedade excessivamente materializada em que vivemos, há lugar para outras dimensões, além da material, a que é preciso atender.

A concentração dos indivíduos nas cidades tende a ser cada vez maior, com o modo de viver de todos cada vez mais «urbanizado».

A ruralidade, com os seus benefícios, desde o contacto com a natureza, o modo de viver natural, o respeito pelos ritmos individuais... está a ser destruída.

Os valores tradicionais perderam força e deixaram de ser considerados.

A vida de hoje decorre a um ritmo alucinante. Falta disponibilidade para a reflexão, diluiu-se a identidade, uma cultura artificial está a substituir a cultura assente nos valores herdados do passado, que se deterioraram muito e até se perderam.

b) Ora, o recurso à literatura popular pode, de algum modo, responder a isto.

A literatura popular transporta do mundo do passado respostas pertinentes para o presente, que é preciso fazer chegar ao futuro. A literatura popular desempenha uma «função compensatória» (L. Bredella, 1989, p. 65) perante os problemas que hoje afectam o mundo e a humanidade.

Sub-género da literatura popular, o conto tradicional encerra o saber natural do povo, fruto de conhecimentos depurados ao longo dos tempos, directamente transformados em cultura. Uma «cultura popular», de transmissão oral, não oposta à cultura dita «letrada», mas complementar a ela. O conto tradicional tem, assim, um grande alcance formativo e educativo.

Está no conto tradicional a alma popular, o povo depositário de valores, a experiência, a ordem original do mundo, a dimensão ética no sentido da correcção do mundo para uma convivência que não há.

Os contos tradicionais representam identidade e valores primitivos fixos que importa preservar. A sua base são os usos e os costumes das comunidades, a partir dos quais são formulados os modos de contar, as utopias e os símbolos, as «tipologias» e as «tipificações», o recurso ao verso, ao ritmo, à melodia, aos jogos de sons, à mnemónica... para tornar as histórias mais apetecíveis e, ao mesmo tempo, mais adequadas ao que é popular.

Os contos tradicionais apontam para um horizonte mítico passado, que talvez nunca tenha sido mais que isso, mas que não deixa de ser um referente de conduta importante para motivar na procura de saberes necessários e na recuperação de valores perdidos.

Eles promovem a integração geracional (separações motivadas por razões tecnológicas e afins), os valores humanistas e humanitaristas, as normas sociais, a amenização dos excessos do tecnologismo, da aridez das burocracias e dos formalismos, o reencontro do ser humano com as suas raízes, a preservação da identidade perante os efeitos da globalização.

Mesmo quando focalizam realidades duras, os contos tradicionais fazem-no de forma maleável, permitindo uma integração sem choques da pessoa do destinatário, mesmo sendo ele infantil. Assim acontece com a representação de temas como a morte, a violência, a vingança, o egoísmo, a mentira, a traição, a injustiça... que atravessam muitas das histórias populares. São temas que fazem parte da essência da natureza humana e como tal são vistos como *naturais* através das histórias.

Estas histórias resistiram ao tempo, permanecendo belas, encantatórias, surpreendentes, satisfazendo a fantasia, sem *moralices*, mas contendo, de modo diluído, filosofia moral e saberes profundos (A. G. Barreto, 2002, p. 303).

Como tal, deverão ser postas ao serviço da escola.

### 3. O Conto Tradicional ao Serviço da Escola

a) Advindo do passado, o conto tradicional, a par de outras realizações culturais humanas, transporta consigo um conjunto de factores muito alargado – como informar, educar, estabelecer laços entre grupos, conservar raízes, apresentar e combater desvios de comportamentos, ajudar a suportar o trabalho, suscitar reconhecimento e recompensa, galantear, enaltecer, recrear... e até, por vezes, ridicularizar e agredir.

Tradicionalmente, ele serviu de espelho sócio-moral e comportamental a indivíduos, e sobretudo a grupos sociais, e foi-se adaptando e alterando em função disso.

O conto popular, porque tem correspondências específicas no interior dos grupos humanos, é aceite por eles e integra-se no conjunto das «funções comunitárias» (D. Blanco Pérez, 1994, p. 17). Ele constitui-se na raiz da verdadeira e mais pura literatura, «fabricada» à imagem da vida, mais primitiva e original, enquanto que a «outra» literatura (a literatura de autor), construindo-se à imagem de suposições ficcionadas, é artificial e não serve, por isso, pelo menos tão bem, as necessidades comunitárias em causa.

Como tal, o conto tradicional tem direito a ocupar um lugar de destaque na escola, não apenas pelo seu próprio valor (social, cultural, linguístico, literário...), mas também

porque as comunidades precisam de referências que as orientem e façam compreender de onde vieram, por mais que se proponham corrigir o horizonte para onde vão.

b) Atendendo à importância da literatura infantil, em si mesma, e ao valor formativo que lhe subjaz, torna-se necessário incentivar o recurso aos contos tradicionais (uma grande parte deles adequando-se às características da literatura infantil) e pô-los ao serviço da prática pedagógica, na aula, a fim de que, para além de contextos de apropriação pessoal (realização dos indivíduos), ela seja aproveitada no desenvolvimento da vertente formativa de que se encontra incumbida.

Ao mesmo tempo, o recurso ao jogo, como elemento cultural que é psicopedagogicamente adequado, ao serviço da diversificação das estratégias na sala de aula (D. Badia & M. Vila, 1996; L. Barbeiro, 1998), apresenta-se de grande valor formativo em situações de ensino-aprendizagem (S. Miranda, 2001), tornando-se necessário incentivar o recurso a ele e pô-lo ao serviço da prática pedagógica.

Ao mesmo tempo, importa desenvolver o trabalho com as crianças, na aula, repensando-se e propondo-se modos de intervenção diversificados (J. Jiménez Ortega & I. Jiménez de la Calle, 1995) que dêem resposta a situações de leitura e à recepção de conto tradicional em ambiente pedagógico.

Associando todos estes elementos, será necessário:

a) De um modo geral, elaborar materiais e desenvolver actividades, tanto integradas como paralelas (comentários de bibliografia, exposições, sessões de trabalho sobre heróis dos contos tradicionais, debates, projecção de filmes e vídeos...), sendo da maior utilidade o estabelecimento de interacções com o grande «motor educativo da escola», que é a Biblioteca Escolar.

b) De um modo específico, justifica-se e deseja-se que surjam propostas fundamentadas que os professores possam conhecer e aplicar/adaptar à realidade com que trabalham.

Nesse sentido, propomo-nos, aqui, especificamente, apresentar, integrado numa actividade de leitura envolvendo um conto tradicional português (adequado à idade das crianças em início de escolaridade), um conjunto de estratégias de que faz parte essencial o recurso ao jogo (jogos de mesa, jogo de dramatização directa, jogo de quadros, jogo de argumentação e crítica, jogo das hipóteses, jogo das lacunas, jogos de palavras, jogo da caixinha de música), sugerindo o alargamento desse modo de proceder a outros contos e a novas situações educativas.

#### **4. Actividades de Reforço da Leitura, Envolvendo um Conto Tradicional Português**

O conto tradicional é uma manifestação literária (aqui aceite justificadamente como tal) com grande adesão por parte das crianças, e que pode ter, ao mesmo tempo, importantes influências na sua formação e educação.

Importa, pois, envolver o conto tradicional no trabalho da aula. Para isso, o professor deverá munir-se de modos de proceder adequados, de modo a responder a essa necessidade.

Nesse sentido, além da sua própria reflexão e de procura de meios (construindo-os, adaptando-os, melhorando-os continuamente, recebendo e partilhando experiências), ele precisa de dispor de propostas que o ajudem nessa resposta.

É da prestação de um contributo nesse sentido que nos vamos ocupar aqui.

a) Antes de mais, procedemos à selecção de um conto tradicional português. Embora todos eles sejam interessantes, cada um é-o à sua maneira, pois está dotado de características especiais. Daí que a selecção dos contos a trabalhar deva ser adequada ao que se pretende, considerando-se, a par da valia do próprio conto, a realidade dos destinatários e as finalidades do trabalho a desenvolver. O conto deverá ser adequado à idade das crianças em início de escolaridade. Quanto a características especiais, como as do meio e da escolaridade, é impossível determiná-las aqui, mas poderemos facilmente presumir que será adequado o tratamento de temáticas que preocupam a nossa sociedade em geral, e de que diariamente fazem eco os meios de comunicação social, nacionais e locais.

Todavia, qualquer temática será bem-vinda, visto que o seu tratamento vai passar pelo filtro, obrigatoriamente adequador, do professor e da escola.

O conto que seleccionámos foi «O bolo refochado» (T. Braga, 1994, vol. 1, pp. 195-196).

Gostámos do conto, em si mesmo, achámo-lo motivador, e encontrámos nele temáticas principais e secundárias que são oportunas e interessantes, aproveitáveis para as finalidades que nos interessa perseguir.

Temáticas principais referenciadas no conto:

- Desigualdade homem-mulher no casamento.
- Homem «muito ruim» para a mulher, agredindo-a física e psicologicamente.
- A voz todo-poderosa do homem perante a subserviência consentida da mulher.
- Conformismo da mulher perante a sua penosa realidade.
- A coragem feminina na resposta aos problemas de género que afectam a mulher.
- A «humanização» do homem perante a determinação e a coragem da mulher.

Temáticas secundárias referenciadas no conto:

- O trabalho como agrura diária.
- A mulher todo o dia em casa e o homem todo o dia fora.
- A vizinha como amiga, confidente e auxiliar.
- A arte dos disfarces.
- A procura de respostas que sejam solução na construção da concórdia humana.

Considerámos que estas temáticas são de extrema importância para a sociedade portuguesa de hoje, importando por isso incluí-las no labor educativo com as crianças, logo desde muito pequenas, levando a que se sensibilizem e formem opinião, pela perspectiva positiva, sobre elas.

b) O primeiro contacto com o texto.

A leitura do texto (muito importante na fase de desenvolvimento a que nos reportamos), ao nível descodificativo basilar, com a intervenção do professor mais ou menos vincada, consoante o nível de escolaridade e de desenvolvimento dos alunos.

c) Contacto de profundidade com o texto.

Feito por *tempos*, sem isolamentos nem compartimentos estanques, mas em interação, com relevo garantido para cada um.

Descoberta de sentidos, construção de conexões, leitura integral do texto. Desenvolvimento de competências. Interação e comunicação.

Conteúdos comunicativos, semânticos, informativos, ideológicos, culturais, linguístico-gramaticais, poéticos, literários, estilísticos, formativos – adequados ao nível de escolaridade e desenvolvimento a que nos reportamos.

Situações de oralidade. Envolvimento com a escrita (directa ou diferida), como suporte para outras aquisições futuras, nos mesmos e noutros domínios.

É comum considerar-se que estes aspectos só serão trabalháveis com crianças a partir de uma determinada fase etária. Trata-se, quanto a nós, de um erro, que assenta no não assumir, muitas vezes, por parte dos professores das suas funções metodológicas (estratégicas). Em vez da fase etária, há, sem dúvida, que considerar (o que é absolutamente válido) a fase de desenvolvimento, pois que, se esta não for considerada e para ela não der cada escola, cada professor, cada aula o seu contributo, nunca se atingirá fase ideal para nada.

Isto significa que se impõe que, em qualquer momento, a escola terá de ir «à frente» no desenvolvimento das competências dos alunos que estão ao seu cuidado, para que, na base de anteriores competências, se construam as competências novas.

Também significa que, não só se pode, como se deve, trabalhar todos os aspectos referidos para o estudo dos textos – tanto no 2º ciclo e mais, como no 1º ciclo e até no pré-escolar. É sempre uma questão de metodologia (estratégias) e de *dimensão*, o que passa em absoluto pela intervenção do professor.

Se tem de haver, na escola, um tempo para a dimensão lúdica na leitura e no contacto com os textos, terá de existir, a par dela, e com frequência crescente, uma dimensão formativa (considerando aspectos como os referidos) que permita a preparação de leitores, dado que, apesar de todas as especificidades que envolve, não se trata de uma competência automática.

A questão do conhecimento dos destinatários, da selecção e aplicação das metodologias (combinação de métodos, indutivo e dedutivo) e do doseamento da suscitação das aprendizagens é aqui essencial, e um dos aspectos determinantes do desempenho profissional do professor é aqui que radica.

d) Conjunto diversificado de actividades de reforço das aprendizagens, envolvendo o conto tradicional português. Dele fará parte essencial, justificadamente (S. de Miranda, 2001; E. Bomtempo, 2001), o recurso ao jogo, sendo considerados (ver Anexo B): jogos de mesa, jogo de dramatização directa, jogo de quadros, jogo de argumentação e crítica, jogo das hipóteses, jogo das lacunas, jogos de palavras, jogo da caixinha de música.

e) Realização de relatório final (avaliação).

Propomos, para a avaliação final do trabalho desempenhado, a elaboração de um relatório crítico (com o fim de possibilitar a melhoria futura), apreciando aspectos como:

Receptividade ao conto seleccionado.

Preparação da leitura do conto.

Realização da leitura do conto.

Produtividade da leitura realizada.

Dinamização de actividades de reforço – recorrendo ao jogo, aproveitando as características do conto estudado (objectivos, preparação, elaboração de materiais, realização das actividades, apreciação final).

Promoção de actividades paralelas.

Integração das actividades desenvolvidas no Projecto Educativo de Escola e no Plano de Actividades da Escola.

Sucesso final conseguido.

Continuidade do trabalho.

## 5. Alargamento da Proposta a Novas Situações Educativas

A presente proposta pretende ser indicativa, podendo/devendo ser alargada a outros contos e a novas situações.

Seja-nos permitido lembrar que as boas práticas, na escola, são inimigas da rotina e da falta de criatividade. Os materiais já existentes, multiplicados pelos manuais e, em vários casos, oferecidos, hoje, pelas editoras aos professores, não podem deixar estes últimos satisfeitos, pelo menos de uma forma continuada. É que a resposta à realidade concreta só se pode fazer com meios adequados, e esses estão na esfera de intervenção específica do professor.

Uma escola de sucesso terá de ser criativa e inovadora, e isso obrigará os professores a desenvolverem esforços na elaboração de estratégias (metodologias, actividades, materiais de trabalho) próprias.

No alargamento a outras situações educativas, há que ter em conta, antes de mais, os temas a focalizar. Eles estão disponíveis com grande diversidade, nos contos tradicionais, e envolvem quase todos questões de grande alcance social.

Muitas das realidades da sociedade portuguesa são negativas demais para que a sua focalização passe à margem, na infância.

As questões de género (tema do conto tradicional escolhido), os valores humanos, a violência e a guerra, o egoísmo, o respeito pelos outros, a fidelidade à palavra dada, a fidelidade nos afectos, a preservação da natureza e do ambiente, etc... são temáticas que, a não serem focalizadas na escola (logo desde a pré-escolaridade), não serão focalizadas nunca nem em lado algum, perdendo-se, desse modo, uma oportunidade essencial para tentarmos (como achamos ser possível e desejável) transformar a sociedade pela via da educação.

A intervenção dos adultos (a família, a sociedade, sobretudo os professores) revela-se determinante no despertar da nova consciência que se deseja.

As propostas de actividades, nomeadamente os jogos, terão aplicação alargada a outras histórias, bastando para isso adaptar e substituir as situações.

Insiste-se, em especial, na prática da dramatização. Por aquilo que envolve de criativo e estimulante para as crianças (o poder das artes, na infância), não deverá ser dispensada em nenhum caso do trabalho com este e outros contos tradicionais.

Por último, assiste-se hoje à proposta, às escolas, de adesão ao Plano Nacional de Leitura. É, sem dúvida, uma proposta meritória. Mas as histórias tradicionais não vêm nele consideradas, o que faria o maior sentido que acontecesse. As histórias tradicionais são demasiado ricas para serem desprezadas, podendo, tanto as temáticas como as metodologias, integrantes da actividade aqui proposta, ser generalizadas aos mais diversos níveis para os fins em questão.

## 6. Conclusões

Perante a riqueza dos contos tradicionais, em especial os contos tradicionais portugueses, nomeadamente a sua temática e veiculação de valores, importa tirar proveito deles na escola. Para isso, será relevante que os professores disponham de propostas que os ajudem a adequar, em cada momento, as metodologias que usam de modo a contribuírem de modo construtivo para as aprendizagens e a formação dos alunos.

Vai nesse sentido a proposta de: 1 - Selecção de um conto tradicional português. 2 - Primeiro contacto com o texto. 3 - Contacto de profundidade com o texto. 4 - Actividades de reforço das aprendizagens através do texto. 5 - Alargamento do estudo feito a outras situações. 6 - Realização de relatório final (avaliação) e aplicação dos resultados.

As actividades de reforço das aprendizagens, como aqui propomos, passarão pelo recurso ao jogo.

Foi julgado adequado e útil, como se descreve, o recurso a jogos do tipo: 1 - Jogos de mesa. 2 - Jogo de dramatização directa (elaboração de guião dramático). 3 - Jogo de quadros (correspondentes à estrutura do conto). 4 - Jogo de argumentação e crítica. 5 - Jogo das hipóteses (alterar situações do texto e refazer a história). 6 - Jogo do texto com buracos (preenchimento escrito ou oral). 7 - Jogos com palavras (*puzzles*, palavras cruzadas...). 8 - Jogo da caixinha de música.

Se a proposta pode ser aqui representável e a sua descrição possível, a adequação à realidade da sala de aula (dirigimo-nos a crianças nos primeiros tempos de escolarização) não pode dispensar a intervenção do professor. A este compete inteirar-se da proposta, adequá-la, aplicá-la no conhecimento que tem dos alunos e das matérias que lecciona, e da formação que procura.

## Referências Bibliográficas

- ▶ BADIA, D. & VILA, M. (1996). *Juegos de Expresión Oral y Escrita*. Barcelona: Graó.
- ▶ BARBEIRO, L. (1998). *O Jogo no Ensino-aprendizagem da Língua*. Leiria: Legenda.
- ▶ BARRETO, A. G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- ▶ BETTELHEIM, B. (1975). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- ▶ BLANCO PÉREZ, D. (1994). *História da Literatura Popular Galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- ▶ BOMTEMPO, E. et al. (2001). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- ▶ BRAGA, T. (1994). *Contos Tradicionais do Povo Português*. Lisboa: Dom Quixote [2 vols.].
- ▶ BREDELLA, L. (1989). *Introdução à Didáctica da Literatura*. Lisboa: Dom Quixote.
- ▶ CASTRO ALONSO, C. A. (1972). *Didáctica de la Literatura*. Salamanca: Anaya.
- ▶ CHATEAU, J. (1975). *A Criança e o Jogo*. Coimbra: Atlântida.
- ▶ EGAN, K. (1994). *Fantasia y Imaginación, su Poder en la Enseñanza*. Madrid: Morata.
- ▶ HERNÁNDEZ LES, J. A. (2004). *Cinema e Literatura – A metáfora visual*. Porto: Campo das Letras.
- ▶ JIMÉNEZ ORTEGA, J. & JIMÉNEZ DE LA CALLE, I. (1995). *Cuentos y Juegos para el Desarrollo del Hábito y la Capacidad Lectora*. Madrid: Visor Distribuidores.
- ▶ MIRANDA, S. de (2001). *Do Fascínio do Jogo à Alegria do Aprender nas Séries Iniciais*. Campinas: Papyrus Editora.
- ▶ PIAGET, J. (1975). *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ▶ VEIGA-NETO, A. et al. (2000). *Estudos Culturais em Educação: Mídia, arquitectura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

## ANEXOS

### ANEXO A

Texto:

#### O BOLO REFOLHADO

(T. Braga, 1994, vol. 1, pp. 195-196).

Era uma mulher casada com um homem muito ruim, que lhe batia todos os dias por qualquer coisa.

Uma vez, ao levantar-se para o trabalho, de madrugada, disse ele para a mulher:

- À noite, quando vier, quero para a ceia bolo refochado. Olha lá, toma cuidado no que digo.

A mulher não sabia o que era bolo refochado, e foi ter com uma vizinha para ver se ela lhe ensinava. A vizinha, que tinha muita pena da vida que ela levava, disse:

- Deixe estar, que eu cá lhe arranjo isso. Com certeza que o seu homem se enganou, há-de ser bolo «folhado». E levou-lhe à tardinha o bolo.

Quando veio o homem do trabalho, pediu a ceia, e, como não achou o bolo refochado, berrou, ralhou, deu muitas pancadas na mulher. Ao outro dia a mesma coisa. A mulher, coitada, foi ter com a vizinha, e ela disse-lhe:

- Arranje-lhe vossemecê uma galinha guisada, que pode ser isso o que ele talvez queira. Volta o homem à noite, e mais pancadaria na mulher, por não lhe ter feito para a ceia o bolo refochado, como mandara. Ao ir para o trabalho, outra vez a mesma recomendação. A desgraçada da mulher não sabia como acabar aquele fadário, e foi ter com a vizinha a chorar.

- Deixe estar, vizinha, tudo se arranja! Venha cá ter comigo à tardinha, vestida com as calças e o jaquetão do seu homem. A pobre mulher foi. Assim que chegou a casa da vizinha, também a achou vestida com as calças e o casaco do marido dela; e partiram ambas com os seus varapaus para o sítio por onde o homem ruim havia de vir do trabalho. Puseram-se cada uma de um e outro lado do caminho. Quando o homem vinha a passar, diz uma:

- Bate-lhe, São Pedro!

- Porquê, São Paulo?

- Porque pede à mulher

O bolo refochado.

Moeram ao som desta cantiga o homem com pancadas e depois de bem moído fugiram. O homem lá se arrastou para casa como pôde, e assim que viu a mulher pediu-lhe perdão de tê-la maltratado tanto tempo, e contou como lhe tinha aparecido no caminho São Pedro e São Paulo, que o desancaram em castigo de pedir o bolo refochado, que era uma

coisa que ele não sabia o que era.

## **ANEXO B**

Seleção de jogos:

1 - Jogos de mesa.

O mais comum (talvez o mais fácil) será o tradicional jogo de percorrer casas sucessivas numa estrutura dividida em quadrados, numerados e porventura ilustrados pelos próprios alunos, onde se progride com o lançamento de um dado. Mas pode ser um baralho de cartas composto manualmente.

2 - Jogo de dramatização directa (com elaboração de um guião dramático). Ver Anexo C.

3 - Jogo de quadros (correspondentes à estrutura do conto).

QUADRO 1: Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. É de madrugada. O homem acaba de se levantar para ir para o trabalho. Fala aos berros com a mulher.

QUADRO 2: Em casa da Vizinha da Mulher Casada.

QUADRO 3: Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. É noite. A Mulher Casada está à espera que o marido regresse do trabalho. A mesa do jantar está preparada. Em cima da mesa, o bolo «folhado» que a vizinha preparou.

QUADRO 4: Em casa da Vizinha da Mulher Casada, dois dias depois.

QUADRO 5: Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. A Mulher Casada está à espera que o Homem Muito Ruim regresse do trabalho. Sobre a mesa do jantar está uma galinha guisada.

QUADRO 6: Em casa da Vizinha da Mulher Casada.

QUADRO 7: É quase noite, no caminho por onde o Homem Ruim deveria passar no regresso do trabalho. As duas mulheres estão vestidas com as calças e os casacos dos maridos, armadas de varapaus, uma de um lado e outra do outro do caminho.

QUADRO 8: Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. A Mulher Casada, que entrou em casa antes do marido, fica à espera dele.

4 - Jogo de argumentação e crítica.

Cada criança será convidada a assumir a personalidade de uma personagem do conto e a argumentar segundo o ponto de vista dela e o seu contrário. A relevância vai, aqui, para as questões de género, dado que muitas das crianças convivem, no seu quotidiano, com situações negativas, neste particular, e poderão não ter consciência dessa negatividade, com o perigo que isso representa para a perpetuação, nos seus futuros lares, da realidade que verificam.

5 - Jogo das hipóteses (alterar as situações do texto e em face disso refazer a história).

6 - Jogo do texto com buracos (preencher).

Com crianças no domínio da escrita, será um exercício de escrita. Com as outras, será um exercício de oralidade, com o professor (educador) a ler/recontar a história, suspendendo-a nos momentos que achar mais adequados, para que as crianças preencham o espaço

omitido.

7 - Jogos com palavras (*puzzles*, palavras cruzadas...).

Para crianças mais crescidas, com domínio da escrita. Uma possibilidade será a fabricação de um «dominó» com palavras da história, separadas, mas podendo formar frases, que os alunos recriarão e registrarão (ou farão registrar). As palavras cruzadas (claro, para crianças mais crescidas, em domínio de escrita) serão elaboradas pelo professor.

8 - Jogo da caixinha de música.

Será a adaptação da história a uma estrutura musical, acompanhada com instrumentos musicais (simulados ou reais). O objectivo será a ligação da história à dramatização, propondo-se que sejam as próprias crianças a construir a letra (que pode ter mais que uma versão). Uma delas (ou todas elas, à vez) será introduzida na «caixinha de música», feita em tamanho grande, improvisando as outras, de modo interactivo, o cenário de lhe abrir e fechar a tampa, fazendo cantar e calar-se a criança cantora.

## ANEXO C

Dramatização do texto do conto:

### QUADRO 1

*(Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. É de madrugada. O homem acaba de se levantar para ir para o trabalho. Fala aos berros com a mulher)*

HOMEM – À noite, quando vier, quero para a ceia bolo refochado. Olha lá, toma cuidado no que digo.

MULHER – Sim senhor.

*(o homem sai)*

MULHER – *(à parte)* O meu homem é muito mau comigo. Logo à noite já sei que vou levar pancada se não tiver pronto o que ele quer. Mas não faço ideia do que seja um bolo refochado... O melhor é ir perguntar à Vizinha.

### QUADRO 2

*(Em casa da Vizinha da Mulher Casada)*

MULHER – Ó Vizinha, bem sabe que o meu homem é muito mau comigo...

VIZINHA – Sei, sei, e tenho muito pena de si, pela má vida que você leva.

MULHER – Desta vez, recomendou-me que lhe preparasse para a ceia bolo refochado.

E ameaçou-me. Logo à noite já sei que vou levar pancada se não tiver pronto o que ele quer. Mas não faço ideia do que seja um bolo refochado... Não é capaz de me ensinar?

VIZINHA – Deixe estar, que eu cá lhe arranjo isso. Com certeza que o seu homem se

enganou, o que ele quer deve ser «bolo folhado».

### QUADRO 3

*(Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. É noite. A Mulher Casada está à espera que o marido regresse do trabalho. A mesa do jantar está preparada. Em cima da mesa, está o bolo «folhado» que a vizinha preparou)*

MULHER – Vamos lá a ver com que cara chega o meu marido, e como vai receber o bolo folhado que a Vizinha preparou. Espero que seja isto o que ele quer, senão vou levar pancada como de costume...

HOMEM – (entrando). Mulher, onde está a ceia?

MULHER – Está em cima da mesa, marido...

HOMEM – E preparaste o bolo refochado que te pedi?

MULHER – (a medo) Preparei, sim... está também aí, em cima da mesa...

HOMEM – (metendo à boca um bocado do bolo, diz aos berros) Não foi isto que te mandei fazer. Pedi-te bolo refochado e isto não é bolo refochado.

*(cena de pancadaria, do homem na mulher)*

### QUADRO 4

*(Em casa da Vizinha da Mulher Casada, dois dias depois)*

MULHER – Ó Vizinha, há dois dias o meu homem, ao sair para o trabalho, pediu-me que lhe fizesse um bolo refochado. Eu não sabia o que isso era e vim-lhe pedir ajuda. A vizinha disse-me que devia ser engano, e fez-me um bolo folhado. Mas o meu homem, quando chegou, à noite, provou e disse que aquilo não era bolo refochado. Encheu-me de pancada, como de costume. Na manhã de ontem, fez-me a mesma recomendação, que queria à noite bolo refochado, mas, como eu continuo a não saber o que é, não lho dei, e ele voltou-me a encher de pancada. Ajude-me, que eu não sei o que hei-de fazer...

VIZINHA – Ó Mulher, bem sabe que tenho muita pena de si, pela má vida que leva, e estou disposta a fazer tudo para a ajudar. Experimente outra coisa. Arranje-lhe uma galinha guisada, que talvez seja isso o que ele quer.

MULHER – Obrigada pela ideia, Vizinha.

### QUADRO 5

*(Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. A Mulher Casada está à espera que o Homem Muito Ruim regresse do trabalho. Sobre a mesa do jantar está uma galinha guisada)*

MULHER – Vamos lá a ver com que cara chega o meu marido, e como vai receber a galinha guisada, em vez do bolo refochado, que lhe preparei. Espero que ele goste, se não vou levar pancada como de costume.

HOMEM – *(entrando)* Mulher, onde está o bolo refolhado que te pedi?

MULHER – *(a medo)* Não há bolo refolhado... mas uma galinha guisada muito boa...

HOMEM – Não foi isto que te mandei fazer. Pedi-te bolo refolhado e galinha guisada não é bolo refolhado.

*(cena de pancadaria, do homem na mulher)*

#### QUADRO 6

*(Em casa da Vizinha da Mulher Casada)*

MULHER – Ó Vizinha, preparei a galinha guisada para o meu homem, como me aconselhou, mas ele insiste no bolo refolhado. *(A chorar)* Confesso-lhe que já não sei como acabar com este fadário... E hoje, ao sair para o trabalho, ele voltou-me a fazer a mesma recomendação, que logo à noite quer bolo refolhado...

VIZINHA – Deixe estar, vizinha, que tudo se arranja. Venha ter comigo logo à tarde, vestida com as calças e o jaquetão do seu homem.

#### QUADRO 7

*(Caminho por onde o Homem Ruim deveria passar no regresso do trabalho. É quase noite. As duas mulheres estão vestidas com as calças e os casacos dos maridos, armadas de varapaus, uma de um lado e outra do outro do caminho)*

VIZINHA – Ó Vizinha, o seu marido deve estar mesmo a passar.

MULHER – Pela hora, deve estar mesmo.

VIZINHA – Deixe-o vir que temos uma surpresa para ele. Não se esqueça de que eu me chamo São Paulo, e você São Pedro. Você responde-me ao que eu lhe disser e faz como eu fizer.

MULHER – Assim será, Vizinha.

*(Vai a passar o Homem Ruim, a regressar do trabalho. Ao ver as duas mulheres disfarçadas de homens, pára no caminho. As mulheres disfarçadas de homens dirigem-se a ele com os varapaus no ar)*

VIZINHA – Bate-lhe, São Pedro!

MULHER – Porquê, São Paulo?

VIZINHA – Porque pede à mulher bolo refolhado. E ela não lho pode dar porque não sabe o que é.

*(As mulheres disfarçadas de homens enchem o homem de pancada. Depois de ele ficar bem moído, fogem)*

## QUADRO 8

*(Em casa da Mulher Casada e do Homem Muito Ruim. A Mulher Casada, que entrou em casa antes do marido, fica à espera dele)*

MULHER – Vamos lá a ver como é que o meu homem chega a casa... E se me volta a pedir bolo refochado...

*(O Homem Muito Ruim entra em casa, arrastando-se, a gemer. Ao chegar junto da mulher agarra-se ela)*

HOMEM – Ó mulher, o que me havia de acontecer!...

MULHER – *(a fingir que não sabe)* Ó homem, o que foi isso?

HOMEM – Eu vinha para casa, e apareceram-me dois santos no caminho, São Pedro e São Paulo, que me bateram com varapaus e me deixaram neste estado...

MULHER – E os Santos disseram-te por que te estavam a bater?

HOMEM – Disseram, sim. Foi de castigo por eu te ter pedido bolo refochado.

MULHER – *(faz um ar de muito admirada)* São muito rigorosos, esses santos...

HOMEM – Ó mulher, perdoa-me, por te ter maltratado tanto e ter sido mau para ti...

MULHER – E então amanhã já não vais querer outra vez bolo refochado...

HOMEM – Não mulher, nunca mais vou querer bolo refochado.

MULHER – E prometes-me que nunca mais vais ser resmungão para mim?

HOMEM – Prometo, sim, mulher.

MULHER – E que nunca mais me voltas a dar pancada?

HOMEM – Prometo, sim, mulher, nunca mais te vou dar pancada.

MULHER – Ainda bem que prometes. Fico à espera que cumpras. Mas ao menos, para eu ficar a saber tudo, diz-me o que é um bolo refochado.

HOMEM – Ó mulher, como é que eu te hei-de dizer uma coisa dessas, se eu também não sei o que é!...

## ANEXO D

### DEBATES

Questões de género. O conto seleccionado apresenta uma realidade de que participam muitas crianças, no seu dia-a-dia. Será importante desmistificá-la, junto delas, desde muito cedo. O tom jocoso da história permitirá chegar facilmente a conclusões educativas, tomando como referência as temáticas principais referenciadas (desigualdade homem/mulher no casamento, agressão no casamento, o poder do homem perante a subserviência da mulher, o conformismo da mulher, a coragem da mulher na resposta aos problemas de género que a afectam, a «humanização» do homem como consequência da coragem da mulher) e as temáticas secundárias (o trabalho como agrura diária, a mulher todo o dia em casa e o homem todo o dia fora, a vizinha como amiga e confidente, a arte dos disfarces, a procura de respostas para a falta de concórdia humana).